

VIVER COMO UMA ÁGUIA. UMA ABORDAGEM SENSÍVEL DA TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE CUBANO NO CANADÁ

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.191170

Curta metragem *The Eagle*, Alexandrine Boudreault-Fournier & Rose Satiko Gitirana Hikiji, 2015. <https://lisa.fflch.usp.br/node/159>

MARCIGLEI BRITO MORAIS

ORCID
<http://orcid.org/0000-0003-1502-1827>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 40110-040 -
ppgsc@ufba.br

LAIS CHAGAS DE CARVALHO

ORCID
<http://orcid.org/0000-0002-1628-5480>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 40110-060 -
ppgsc@ufba.br

MARINA ROUGEON

ORCID
<http://orcid.org/0000-0001-9092-6074>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 40110-040 -
ppgsc@ufba.br



The Eagle (2015), curta metragem dirigido por Alexandrine Boudreault-Fournier e Rose Satiko Gitirana Hikiji, traduz algumas tessituras presentes na vida social. De início, a imagem filmada da águia já convida a uma reflexão sobre a potência dos sentidos. A visão panorâmica, o olhar atento e focalizado, o poder de captar os ruídos, os vôos que mais parecem uma dança com o vento, a cautela em cada movimento, tudo desvela um conjunto de percepções corporais e sensoriais.

Ao informar que a narrativa será sobre a história de Miguel Aguila, as cenas conduzem os sentidos a associar esse nome a águia, aquela que se apresenta na abertura, traçando suas rotas de modo certo no céu azul, emitindo seus ruídos em comunicação com o mundo através de toda sua opulência. Entretanto, trata-se de um sujeito idoso, com caminhar claudicante, imigrante cubano no Canadá e 'estranhamente' fora das convenções sociais. Essa aparente contradição, na verdade revela a complexidade de um personagem, e também desconstrói nossos preconceitos a respeito do caminhar na vida, ao convocar à reflexão de que ser certo e claudicar faz parte do processo da própria condição humana.

O curta resulta de uma entrevista com as singularidades da experiência de um ex-prisioneiro que, após travar muitas lutas em sua vida, enfrenta o desafio de um câncer. Tanto a sua natureza quanto o sobrenome são comparados as características da águia. A interlocução busca um 'enquadramento' que localize o entrevistado no ambiente presente em sua rotina. Imagens das ruas, das lojas, do trânsito, do café, demonstram um lugar de tranquilidade e movimento.

O diálogo ocorre em um café e, antes da condução de uma narrativa de vida, câmeras de filmagem registram o olhar, os desvios, suspiros, risos, silêncios, as reflexões, inquietações, as trocas não verbais, detalhes que escapam na fisionomia. E é nisso que a águia se revela, segundos antes das interpelações serem disparadas pela antropóloga. No ambiente de lazer, a música ao vivo e uma bebida convidam ao relaxamento e satisfação. Enquanto conta a trajetória que o conduziu até ali, o ambiente segue o seu funcionamento, com pessoas trabalhando, às vezes, atentas ao diálogo em curso. Ele fala com as nuances de um navegador, que conheceu vários lugares do mundo a bordo de um cruzeiro e tem nesta experiência a sabedoria de quem transita nos mares e na terra com a mesma autoconfiança. Miguel Aguila, demonstra habilidade para escolher os fatos importantes de sua narrativa de vida em formação, com o entrelaçamento e articulação do passado com o presente.

Se apresenta, nomeia, qualifica sem nenhum tipo de pudor, informando a equipe de produção, de onde veio, o que de errado já fez e faz e para onde deseja ir. Em razão disso, a equipe se inclui no filme e não alimenta uma

ilusão de neutralidade. Apesar do grande número de vicissitudes na sua vida, parece ter o domínio sobre ela, através de escolhas, nem sempre tão planejadas, mas conscientes. O tráfico de substâncias, a fuga de Cuba, a imigração ilegal, geraram um número de prisões, deportações, doenças que são, porém, narradas com naturalidade e até mesmo um 'quê' de altivez. Assim demonstra no seu linguajar o quanto é firme, decidido e não teme as estruturas e sistemas oficiais, construindo uma sensação no ouvinte de 'valentão', capaz de enfrentar a tudo e a todos que se virarem contra ele. No deslocamento para o local de residência, os passos revelam gostos, prazeres, inquietações, conflitos e a sagacidade de quem se vê sempre na condição de um bom observador.

Entretanto, ao adentrar a sua residência, o que se pode ver é uma casa acolhedora, organizada, colorida, com boinas, painéis e imagens de cuba, de ursinhos, cachorrinhos, dentre outras coisas que não seriam 'esperadas' na moradia de um homem com aquele trajeto e forma de se apresentar. Ele anuncia: «Bem-vindo ao meu paraíso!» O aconchego do seu lar é perceptível aos olhos da equipe de pesquisa. A sensação é captada e o registro compartilhado. Entre outras falas, Miguel Aguila declara a sua condição de trabalhador, os percursos por onde trilhou até a exposição no labor das minas e da indústria de petróleo. A contaminação já circulava em seu entorno, atingindo homens e mulheres, até que as dores também chegaram ao seu corpo para desvelar a existência de um tumor. Os desafios e custos do tratamento, a cirurgia, tudo segue em um fluxo narrativo de tensão, confiança e superação. Apesar de todas as dificuldades, reafirma não abdicar dos seus prazeres.

E nesse momento é possível ver o quanto ele se mostra afetuoso com a antropóloga e toda a equipe, dando-lhes presentes, sorrisos e demonstrando o quanto se considera querido pelas pessoas que cuida em seu trabalho. Se nas ruas, prevalece o encontro com a cultura local, o ambiente doméstico revela os símbolos de seu país de origem e o apego que tem por eles. Em casa, o diálogo convida a pensar nas diferentes percepções de conforto, bem-estar, satisfação e felicidade.

O ser homem, permeado nas contradições da própria existência, trabalha em um serviço de apoio a pessoas em situação de rua e se mostra bastante respeitado, solícito e afetuoso com todos com que se relaciona. Por vezes, o enredo leva a racionalizar a contradição do que se pensa sobre sua história e memórias, o que se vê e se sente ao assisti-lo, pois a trama fílmica move à aproximação com suas realidades, desperta afeto, uma graciosidade e um carinho com a sua existência. Vê-lo dançar, sorrir e se divertir na última cena do curta alegria o olhar, desperta o riso e o seu comportamento encanta.

Sem dúvida, cada imagem, cada recorte da câmera e os movimentos apontam para a potência dos sentidos, do quanto esses elementos por vezes secundarizados ou invisibilizados nas pesquisas científicas têm importância como ferramenta para compreensão da vida social (Simmel 1907/2015, Laplantine 2005, Gélard 2016). As microatividades do cotidiano, portanto, produzem detalhes que podem auxiliar no conhecimento de um determinado contexto social, práticas, crenças, valores, bem como uma singularidade de percepção em relação ao observador externo. As ferramentas audiovisuais podem alargar o campo de observação e capturar elementos ou detalhes inalcançáveis aos sentidos de um observador/entrevistador. Constitui um aporte que qualifica a obtenção de informações e nuances que fogem a atenção imediata.

Ao final é possível retornar a aquele questionamento inicial de « de quem estamos falando? Um homem ou um pássaro? ». E como resposta, surge « um homem-pássaro », cheio de contradições, força, beleza, movimento... mas também um amigo, um espírito que sem limites, voa para todos e nenhum lugar e, simplesmente, VIVE.

E além da águia como postura, forma de estar no mundo da parte de uma pessoa marcada pela experiência da migração, podemos nos perguntar finalmente se não poderia também estar associada ao lugar e atributos do pesquisador, bem como a todos os sujeitos de uma pesquisa em sua dinâmica de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- Gélard, Marie-Luce. 2016. *Anthropologie sensorielle en France, un champ en devenir ?*. *L'Homme* [Em linha]. DOI : <https://doi.org/10.4000/lhomme.28868>
- Laplantine, François. 2005. *Le social et le sensible. Introduction à une anthropologie modal*. Paris : Téraèdre. DOI : <https://doi.org/10.4000/rsa.597>
- Simmel, Georg. 1907/2015. *Disgresion sobre la sociologia de los sentidos*. *Sociologia. Estudios sobre las formas de socializacion*, 568-596. Fondo de Cultura Económica.

RESUMO

Este texto propõe uma resenha do curta metragem *The Eagle*, realizado pelas antropólogas Alexandrine Boudreault-Fournier & Rose Satiko Giti-rana Hikiji. Foca nos aportes da abordagem sensível da trajetória de um imigrante cubano no Canadá, Miguel Aguila, proporcionada pelo uso da ferramenta audiovisual. Objetiva refletir sobre as potencialidades dos sentidos e da percepção sensível no exercício de análise da vida social, e mais especificamente das questões ligadas à migração, à doença e outras dificuldades vivenciadas. Destaca como, ao se apoiar nas dimensões associativas, sensíveis e imagéticas em torno da figura de uma águia, as ferramentas audiovisuais podem auxiliar na ampliação do campo de observação mas também na formas de escrita da pesquisa. Constituem

PALAVRAS-CHAVE

Sentidos;
Percepção;
Abordagem
Sensível;
Antropologia
sensorial;
Antropologia
visual.

um aporte importante na obtenção de elementos e nuances que escapam a atenção imediata, e na maneira pela qual essas nuances são reconstituídas em sons e imagens.

ABSTRACT

This paper proposes a review of the film *The Eagle*, directed by anthropologists Alexandrine Boudreault-Fournier & Rose Satiko Gitirana Hikiji. It focuses on the contributions of the sensitive approach of the trajectory of a Cuban immigrant in Canada, Miguel Aguila, provided by the use of audiovisual tools. It aims to reflect on the potential of the senses and sensitive perception in the exercise of analyzing social life, and more specifically the issues related to migration, illness and other lived difficulties. It highlights how, by relying on the associative, sensitive and imagetic dimensions around the figure of an eagle, the audiovisual tools can help to expand the field of observation but also the forms of writing the research. They constitute an important contribution in obtaining elements and nuances that escape immediate attention. The sounds and images also allowing a fine reconstitution of these nuances.

KEYWORDS

Senses;
Perception;
Sensory Approach;
Sensorial
anthropology;
Visual
anthropology

Marciglei Brito Morais é enfermeira e historiadora, doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia atualmente bolsista da CAPES (2020-2023), mestra em Educação pelo PPGED/UESB (Bolsa-FAPESB). Apresenta como interesse de estudo e pesquisa a Saúde Coletiva, com recortes temáticos sobre saúde global, participação social, educação em saúde, direitos humanos e saúde, vulnerabilidade social, formação em saúde e enfermagem na saúde coletiva. Possui experiência de atuação como docente no ensino superior, técnico e educação básica. E-mail: marciglei.morais@ufba.br

Lais Chagas de Carvalho é enfermeira, doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva, mestra em Saúde Comunitária (ISC/UFBA) e docente da Escola de Enfermagem da UFBA. Tem experiência na área de Enfermagem com ênfase em Saúde Coletiva e Saúde Mental, atuando principalmente nos seguintes temas: Saúde Mental; Trabalho em Enfermagem em Saúde Mental; Reforma Psiquiátrica; Clínica Psicossocial e Educação em Saúde. É membra do grupo de pesquisa GERIR (Núcleo de pesquisa em políticas, gestão, trabalho e recursos humanos em Enfermagem e Saúde Coletiva), do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e do Núcleo de Apoio Psicossocial (NAPP) da Escola de Enfermagem da UFBA. E-mail: laischagas@ufba.br

Marina Rougeon é antropóloga, doutora pela Universidade Lyon Lumière (França) e pós-doutora pela Universidade Laval (Canadá) e pela Escola Normal Superior de Lyon (França). Ela é desde 2018 professora convidada no ISC/UFBA e pesquisadora do FASA/ISC. Também é pesquisadora associada ao laboratório Meio Ambiente Cidade Sociedade (UMR EVS) em Lyon (França). Ela desenvolve pesquisas no Brasil e na Europa meridional nas áreas da antropologia visual, do meio ambiente, das religiões e da saúde. É autora de livros e artigos científicos que tratam de questões teóricas, metodológicas e epistemológicas relacionadas a temáticas como: discriminações (racismo), relações entre o social, os sentidos e os afetos, relações às formas de invisibilidade (religiões, riscos ambientais, doenças) e escritas da antropologia. E-mail: marinarougeon@ufba.br

Contribuição de autoria. Marciglei Brito Morais, Lais Chagas de Carvalho, Marina Rougeon: concepção, coleta e análise de dados, elaboração e redação do manuscrito, discussão dos resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 04/10/2021

Aprovado: 10/10/2021